



O MILAGRE ALEMÃO DO BARÃO GUTTENBERG

O Ministro alemão da Defesa, Karl-Theodor zu Guttenberg (CSU) – mais rigorosamente, Karl-Theodor Maria Nikolaus Johann Jakob Philipp Franz Joseph Sylvester Freiherr von und zu Guttenberg -, um dinâmico e popular membro do *jet set* conservador, aparecia como a tábua de salvação da chanceler Merkel. Embora vivesse num castelo de família do séc. XV e, na estirpe do famoso casal houvesse um Chanceler da Alemanha, Otto v. Bismarck, um ministro dos Negócios Estrangeiros, o nazi Joachim v. Ribbentropp, e um malgrado resistente a Hitler, assassinado pelos nazis, o barão também deve ter herdado de Guttenberg a ideia de multiplicar escritos de outrem. Aparte umas mentiritas na sua carreira política, resolveu juntar ao título de barão o de doutor em direito, porventura porque, segundo a doutrina do direito comum medieval, este grau académico equivaleria ao de conde palatino. Escolheu como orientador o famoso constitucionalista Peter Häberle (n. 1934; Faculdade de Direito de Bayreuth) e, depois de sete anos de extenuante trabalho, viu o esforço recompensado, ao ser aprovada com a menção de *summa cum laude*, a sua tese “*Konstitutionelle Entwicklungsstufen in den USA und der EU*” [Graus de desenvolvimento constitucional nos EUA e na EU] (475 pp. e mais de 1300 notas).

Só que, como o mundo anda fascinado com o rigor e seriedade de tudo quanto é alemão, tal tese começou a ser lida e escrutinada. Vai daí, descobre-se que, consultando apenas o que está mais facilmente acessível na *Internet*, a tese era uma colagem de plágios, de textos alheios, de documentos “reservados” do Parlamento e até, muito provavelmente, de um *ghost writer*. Enquanto as buscas de coisas originais prosseguiam ... com dificuldade, o barão de Guttenberg, reconhecendo embora que a “tese seguramente tinha erros”, recusou veementemente as acusações de plágio – “A escrita da dissertação foi trabalho minha”. Em todo o caso, acabou por pedir desculpas públicas e por admitir que “humildemente reconhecia que tinha cometido faltas muito graves [...], nas idiotices que ele próprio tinha escrito” [isto é autêntico e verdadeiro ... ao menos isto!], incluindo erros isolados e omissão de citações. Desistiu – temporariamente – do seu título de doutor. Mas o seu orientador continuava a afirmar que as acusações de plágio eram um “absurdo” e que von Guttenberg fora “um dos

seus melhores alunos”. Já a Universidade de Bayreuth, menos complacente do que o eminente constitucionalista, cancelou-lhe a tese.

O *Süddeutsche Zeitung* – que levantou a lebre – analisa alguns pontos importantes, num artigo assinado por um jornalista famoso, Thomas Steinfeld (21.02.2011). Alguns deles interessam-nos a todos – e também a passados ou atuais ministros da Defesa ou outros.

1) O volume de uma dissertação – escreve este autor – apenas documenta que o autor tem muita coisa para dizer, não, porém, que tenha *algo para dizer*; podendo não provar nada que mereça ser provado;

2) Embora a *internet* seja o meio mais elementar para os menos elaborados plagiadores de textos, mesmos os barões recorrem a ela: assim, já foram encontradas na tese de von Guttenberg 271 páginas com textos plagiados, correspondendo a quase 70 % do conteúdo, embora a busca ainda prossiga (sobre os progressos da investigação, <http://de.guttenplag.wikia.com/wiki/Zwischenbericht>);

3) Há, todavia, meios muito mais poderosos de busca, que permitem detetar cópias de outros textos, mesmo em formas menos acessíveis de publicação; embora muitos textos, nunca digitalizados ou citados digitalmente, possam escapar a uma busca automática;

4) Expressões como “por conseguinte”, “além disso”, “em contrapartida”, etc., não escondem o rabo ao gato;

5) Apesar de o aparato crítico poder impressionar mesmo juristas como o eminente(mente descuidado) Peter Häberle, há uma multidão de académicos que são mais cuidadosos e menos impressionáveis. Estes podem “cheirar” estas coisas com incrível perspicácia.

Não queremos entrar na política doméstica, nomeadamente envolvendo títulos académicos controversos, teses de duvidosa originalidade, conluios em matéria de Defesa ainda obscuros com cavalheiros de indústria, teutónicos ou outros. Mas há uma coisa que fica claro: o Sul não tem o monopólio da vigarice. Além de que as nossas trapalhadas são, salvo exceção rara, vigaricezitas à escala dos pobres e simplórios.

Para terminar com um aviso de Fedro, na sua fábula *Mons parturibat* (adaptada): « *Hoc scriptum est tibi, qui, magna cum minaris, extricas etiamnunc magis* » [isto é dirigido a ti que, por muito que prometas, ainda produzes mais].

António M. Hespanha, Fevereiro de 2011